



O CONTEXTO ESCOLAR E O SER TRAVESTI DO INTERIOR: POLÍTICAS PÚBLICAS, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIAS

Waldyr Barcellos Junior¹

RESUMO

Este artigo busca analisar a produção o contexto escolar e como isso reflete diretamente na inserção e permanência do ser travesti no ambiente escolar, focando assim na análise das resistências e políticas públicas que afetam diretamente a vida escolar das travesti. Discutindo essa problemática para proporcionar um debate em prol do ensino público democrático e acessível a todos. Para isso utilizaremos uma análise bibliográfica acerca do tema, com autores que fazem essa discussão. Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa iremos analisar o ser travesti e suas representações sociais no município de Santo Antônio de Pádua para um diálogo sobre o processo de repensar o contexto escolar, buscando assim conhecer as experiências, relatos e suas expectativas no que se refere à busca pelo conhecimento.

Palavras Chaves: Políticas Públicas, Violências e Resistências

¹ Mestrando em Ensino UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - INFES



INTRODUÇÃO

O insucesso escolar está relacionado geralmente por problemas de aprendizagem enfrentados por alunos oriundos das classes sociais mais pobres. Sabendo também que o fracasso escolar pode ser produzido por diversos motivos. Por muito tempo os insucessos dos alunos eram ligados à herança genética e raça, os negros teriam mais dificuldades no contexto escolar. A história do fracasso escolar nos mostra como o preconceito foi construído, onde esses alunos eram considerados anormais escolares. (PATTO. 2010. Pág.64-65)

Visto que os primeiros especialistas a intervirem na educação foram os médicos atribuindo as dificuldades escolares em anormalidades. Hoje a medicina continua em processo de patologização das identidades Trans, uma travesti sofre de acordo com os médicos com disforia de gênero. Logo a história do fracasso se repete e esse discurso se formaliza em algumas mentalidades no contexto escolar.

O presente artigo pretende problematizar o fenômeno travesti e sua relação com a escola, sabendo que as legislações brasileiras preconizam uma Educação para todos, sem preconceitos e distinções. Ao mesmo tempo a educação tem suas fragilidades, tanto no discurso como no ensino, as minorias têm uma dificuldade de permanência e satisfação em relação ao contexto escolar, formando a escola um lugar de dificuldades. O interessante notar que as travestis têm muita dificuldade na educação como política pública, pois a escola não fornece dispositivos para que a travesti se sinta adequada no ambiente escolar. Pelo contrário mesmo existindo dispositivos na legislação e uma discussão ampla sobre temas como nome social, banheiro de acordo com sua representação de gênero, a escola no interior se preocupa pouco com essas minorias e contribui para mais um tipo de violência na vida de pessoas com identidade trans.

Sabendo que o contexto escolar tem sua produção construída historicamente, percebemos as dificuldades de permanência da travesti na escola. Sendo que essa violência produzida na escola tem várias raízes e concepções construídas e debatidas por inúmeros estudiosos. A violência sofrida por travesti está relacionada com questões



que envolvem gênero, classe e um discurso escolar que não atende a todos. Ser um excluído no contexto escolar envolve aspectos de cunho social, mas em torno do ser travesti envolve identidade, representação social e uma discussão de mudança de ensino.

As travestis nos exibem como educadores que a escola não é esse espaço agradável e para todas. Suas chagas mostra o atraso em políticas públicas educacionais que contemple a cultura da diferença. Denunciando um ensino pautado em concepções religiosas, opressor da identidade de gênero e machista.

Ser travesti na escola é apontar novas facetas do campo educacional é ressignificar causas de grande importância para a luta de uma escola pública inclusiva de verdade.

Estudos Queer ligados ao ensino têm ajudado os educadores a nortear suas práticas nos dias atuais. As identidades Trans têm buscado visibilidade dentro de um novo contexto político e estão militando para que a escola acolha suas necessidades e respeite sua identidade de gênero. Existe todo um ritual para a travesti não permanecer no processo de escolarização.

Desde muito cedo adotando uma identidade feminina a travesti é hostilizada em espaços públicos e sofre com a rejeição da família, escola e comunidade. Não sendo reconhecida procura nas calçadas um local de acesso social por diversas vezes as travesti vê na prostituição uma única forma de se manter (PATTO. 2010. Pág.42).

Mas esse contexto nos traz um debate importante que é possível problematizar e algumas perguntas são importantes: à travesti é um fracasso escolar ou escola fracassou como “redentora da humanidade”? Quais as marcas do fracasso escolar tem relação com vivenciada travesti? Que aspectos na vida e trajetórias das travesti denunciam o ensino opressor? O que vivenciam na escola que torna quase impossível a sua permanência? Quais elementos do fracasso escolar podem ser encontrados no discurso das travesti? As travestis sofrem o processo de evasão escolar ou de exclusão?

Desde primeiras leituras sobre travesti e assim e a sistematização do artigo percebi que as pessoas a qual tenho contato na educação reagiram com estranhamento sempre me indagando por que esse tema? Por que travesti e sua vida na escola? Você tem contato com as travestis que se prostituem na rodoviária de Pádua? Muitas



perguntas foram feitas visto que a maioria das pessoas se quer percebem as travestis e nunca vão se interessar por elas.

Minha inquietação surge da lei aprovada pela Câmara Municipal de Santo Antônio de Pádua Nº052/2015 que em suma proibi a venda de bebida alcoólica na Terminal Rodoviário Hamilton Abreu Leite com a finalidade de diminuir as drogas e a Prostituição. Quem se prostitui na rodoviária? As travestis. Que na verdade deveriam está sendo protegidas pelas políticas públicas tanto de saúde e principalmente em educação, estão sendo hostilizadas. Logo isso me incomodou eu pensei em ouvir essas travestis e sua trajetória na escola e de certa forma torna suas histórias de sofrimento e negligência em uma proposta de ensino mais motivadora. Essas inquietações do cotidiano me deu disposição para discutir o fracasso escolar do ser travesti.

Seria muito pontual ouvir a escola na voz da travesti e como esse discurso é produzido. Percebo pelo o contato que tenho que seu nível de argumentação é bem limitado ao ponto de se achar culpada e responsável por ter produzido o fracasso escolar em suas vidas. A pesquisa se torna importante para mostrar outro lado onde existe uma produção do fracasso, resistências e não submissão.

DESCONSTRUINDO, DEBATES E SOBREVIVÊNCIA

O ser travesti sempre moveu a curiosidade das pessoas que acreditam ter sua identidade formada e estável pelo resto da vida. Ver um travesti é mostra a fragilidade humana perante o desejo de se tornar livre de códigos que desde a infância somos obrigados a internalizar. Logo sabemos que tudo em gênero é transitório e construído por desejos que muitas das vezes não obedecem à ordem social. A travesti traz um ar de transição de um masculino penoso para um feminino não acabado. Travesti é inaugurar uma nova forma de identidade que brinca com os gêneros totalmente pensados através do binarismo da biologia.

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero produz pela estilização do corpo e deve ser entendida, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de uma modelo substancial da



identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. (BUTLER.2003.pág. 200).

Sabemos que as identidades vão do “auto” reconhecimento, você se identifica com algo e passa se tornar e viver sua identidade. Na verdade os corpos se escapam a heterossexualidade não deu conta de todos os desejos e expressões. O mundo tem fundido o masculino e feminino de forma natural como na indústria da moda. Se afirmar em um mundo machista e racista onde sociedade tem uma formação idealizada de família patriarcal, que o certo é seguir a cartilha tenho “pênis logo sou um homem”.

O ser Travesti passa comportar todos os ódios sociais e não ter direito a existência passando por um processo de invisibilidade ou seja a negação da existência pública. Essa ambiguidade sexual da vida da travesti desorganiza as relações de poder promovendo reflexões sobre seu modo de vida.

Para os/as historiadores/as, a questão importante é: que representações simbólicas são invocadas, como, e em quais contextos? Em segundo lugar, conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa, que afirma de maneira categórica e inequívoco significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino(SCOTT. 1995. pág. 86).

O travesti no interior do estado não é só um ser noturno, podemos perceber muitos que trabalham longe da prostituição e não tem essa vida noturna que sempre foi rotulado aos travesti. Também e de grande importância à representação social desses travesti na sociedade visto que por traz desse termo travesti tem um conjunto de significados no imaginário das maiorias das pessoas. Que o travesti e um ser violento que trabalha com prostituição.

Bom as minhas leituras ao longo deste artigo estão ligados a Judith Butler, Problemas de gênero: feminismo subversão da identidade (2003) uma obra que propõe uma releitura do feminismo clássico que se preocupou em problematizar o que é ser mulher? Butler questiona signos e estruturas sociais de condicionamentos para ser formar a identidade masculina. É uma obra que tem uma complexidade, pois trata o gênero como algo em movimento interrogando sobre a heterossexualidade questionando seu modo e comportamento social é o sofrimento que o machismo implica em ambos os



gêneros. Butler acredita que o homem também sofre com o machismo que ele mesmo ajuda legitimar como norma. Traçando um diálogo e críticas ao feminismo tradicional essa obra é de grande ajuda para se pensar os signos que constroem tanto a mulher e quanto o homem. Apontando as dificuldades de transitar entre o gênero como as travestis na atualidade.

Michel Foucault como teórico que nos dá subsídios para argumentar e enquadrar a vida das travesti na escola como uma proposta de ensino mais humanizada. Sabendo da complexidade de Foucault e das suas contribuições teóricas para estudo é análise de discursos produzidos por travesti e sua visão sobre a escola. No livro de Foucault História da Sexualidade I: a vontade de saber (2011) nesta obra o autor aborda cuidadosamente a função da sexualidade como reprodução nos mostrando que a sexualidade considerada estéril quando abordada de forma pública ou demasiadamente corre o risco de sofrer sanções e cair nos estigmas de anormalidade, conceito este presente na obra de (PATTO, 2010) nos mostrando uma relação quando se trata da produção do fracasso escolar e sexualidade. Percebemos no contexto escolar uma política que dificulta a sobrevivência das travesti sendo sempre excluídas. Em vários diálogos com travesti percebo que algumas evidenciam a palavra sobrevivência. Falam repetidas vezes *“eu sobrevivi à escola” tenho medo de voltar estudar porque sofri muito no contexto escolar.*

Ainda me aproprio de leituras da Berenice Bento que na obra - A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual (2006) que estuda o fenômeno travesti e também diálogos de transexuais para obter a tão sonhada cirurgia de mudança de sexo a “Vagina fabricada” que está relacionado com a imposição que para ser mulher precisa da vagina. O interessante são suas discussões no âmbito dos direitos humanos e da democracia conta gotas que limita o direito das travesti e transexuais na esfera jurídica para obter o nome e o gênero correspondente a seu corpo. A autora faz uma crítica aos relatórios de psiquiatras e psicólogos que dão seu parecer de identidades trans onde eles analisam se o discurso é um fala submissa, se deseja um homem ou marido para partilhar a vida entre outros padrões sociais tradicionais que designam um ser feminino. Fala da precariedade que vive as travestis e a violência que sofrem principalmente dos policiais nas ruas e de outras formas de manifestação do estado.



Uma obra cheia de aspectos que aborda o uso do nome social como importância para tornar as travestis uma cidadã com direito a escolher seu gênero e viver segundo sua identidade.

A autora Guacira Lopes Louro *Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer* (2004) onde em sua obra existe um debate importante no âmbito das identidades que busca mostra como os discursos são altamente construídos e reproduzidos por demasiadas vezes até se tornar naturalizados. Se apropriando de autores do pós-estruturalismo e lucidando questões que envolvem toda a produção social em torno do gênero. Apontando sempre a posição dos corpos de maneira social e as dificuldades de não pertencer a heteronormatividade. A obra nos ajuda a entender as resistências sociais em torno do corpo travestido que seria um corpo construído junto a uma figura social e de que forma esse corpo interferem nos apontamentos e rupturas dos padrões sociais. São nessas relações de significados que se constrói o ser travesti e os conflitos dessa identidade tão discriminada nos dias atuais.

Para o ponto central do Fracasso Escolar tenho me dedicado ao livro *A produção do Fracasso Escolar – Histórias de Submissão e Rebeldia* da autora Maria Helena Souza Patto (2010) que analisa essas histórias das relações escola e aluno numa visão ampla, tecendo um quadro de argumentos nos levando a conceituar fracasso como uma produção histórica. Um livro tem como argumentação a luta de empoderamento e resistência de camadas populares em frente a uma educação falida em seu ideário de escolas para todos, usando os fatos históricos como argumentação.

O CONTEXTO MUNICIPAL

E de grande importância refletirmos ao longo do artigo o seu contexto, pois e nesse contexto social que moram as principais dificuldades e incoerência. Não é trabalhar somente com descobrimentos da realidade e sim uma proposta de cunho social que sugere mudança, alternância e empoderamento das minorias. Estudar o ser travesti do interior que está longe de grandes centros, não tendo por muitas vezes uma ligação ou leitura sobre seus direitos e altamente inovador, pois percebo alternância nas relações, onde podemos perceber uma representação sempre ligada à loucura,



prostituição e a marginalização. Algumas travestis têm uma vida no interior de luta e trabalho aos poucos estão ocupando os espaços que historicamente não foram concedidos a essas minorias.

Hoje no município de Santo Antonio de Pádua – RJ não temos nenhuma travesti ou trans passando por processo de transição na escola. Infelizmente alguns rituais se repetem, deixam a escola precocemente indo para fora desse contexto escolar. Tendo em vista que modelo atual não comporta as minorias e preciso reinventar outras estruturas para que a escola deixe esse padrão de educar fálido.

Uma proposta de investigação esclarecedora da realidade das travesti no município de Santo Antônio de Pádua em relação ao contexto escolar visto que a educação paduana tradicionalmente tem resultados positivos em nível de estado principalmente no IOEB – Índice de Oportunidades da Educação Brasileira ocupando o 2º lugar no estado do Rio de Janeiro. Uma incoerência em uma rede municipal de 33 escolas que abrange da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Percebo que toda expressão relacionado ao menino que tenta se aproximar do mundo das meninas é silenciadas, negadas e afastada. A escola ainda é um espaço que não permite descumprimento das regras ligadas as expressões da identidade.

Relatando suas experiências enquanto transição de um gênero para o outro e ressignificando o ensino, observando suas ansiedades e expectativas em relação à educação altamente opressora vivida pelas travesti em relação à educação e também em toda sociedade geral.

Atualmente, quando se estuda a história – história das ideias, do conhecimento, ou simplesmente história, apegamos-nos a esse sujeito do conhecimento, a esse sujeito da representação como ponto de origem a partir do qual o conhecimento é possível e a verdade aparece. Seria interessante tentar ver como se produz, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade chega à história, mas de um sujeito que se constitui no próprio interior da história. É para esta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos dirigir-nos. [...] Ora, a meu ver, é o que deve ser feito: mostrar a constituição histórica de um sujeito de conhecimento por meio de um discurso tomado como conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais (FOUCAULT. 2002. pág.132-133).



Em estudos baseados de Foucault percebemos que o autor está mais preocupado com a atuação social que descobrir uma verdade absoluta e irrefutável. O próprio método de investigação de estudos queer propõe uma escrita que transgride padrões científicos tradicionais tirando dessa relação do pesquisador o status do investigador da verdade ou que busca a verdade incansavelmente.

E no discurso que conseguimos democratizar a ciência e dá valor a atores sociais impensáveis que não tem o melhor discurso erudito e talvez um bom nível argumentativo, mas tem na vida a capacidade de reflexão e transformação social. Pensando a travesti percebeu a valorização enquanto sujeito que viveu sempre a margem da sociedade, invisível e principalmente da escola, onde sua representação social nunca foi bem vista ou construída. Hoje observamos ainda com pouca frequência a travesti na universidade, escola, repartições públicas e como sujeito do conhecimento.

O aparecimento de novos discursos construídos pelas travesti sobre a escola e de grande importância para fomentar uma grande mudança neste contexto escolar. Acreditando que este modelo de escola não pode ser mais utilizado, que educação não tem condição de manter um discurso liberal que todos temos as mesmas condições baseado em uma meritocracia egoísta é numa igualdade cheia de disfarce. Essas trocas de posições são de grande importância colocando também esse modelo de escola como insuficiente. Onde infelizmente o fracasso pertence ao modelo hegemônico escolar ainda não produzimos uma escola legítima para todos.

Todos esses apontamentos nos fazem refletir em qual escola queremos construir? Enquanto os estudos sobre *identidades e performance de gênero* está avançando e tomando espaço dessa revisão histórica do que é produzir educação e desconstruir discursos altamente hegemônicos. Que a escola deixa de ser um espaço de violência e passe a promover discussões abertas sem colonizar os alunos e suas expressões. Sabemos que Foucault propõe uma revisão nesse modelo de escola no que tange a divisão ligada ao masculino e a o feminino que tenta adormecer a multiplicidade e a potência humana. Gêneros ligados somente ao contexto binário e reprodutivo, a escola precisa ultrapassar essas verdades tidas como absolutas podendo assim construir um espaço atrativo para as minorias.



Sabemos que a escola precisa reagir e fazer parte do processo de transgressão não suprimindo identidades, mas promovendo espaço para todo tipo de expressão que não obedeça a modelos de estruturas altamente machista ligados a uma lógica colonizadora. Sendo assim teremos uma educação como prática da liberdade e não ligada a submissão.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2003.



FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Roberto Machado e Eduardo Martins. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002, cap. I e V.

LOURO, Guacira Lopes, Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

PATTO, M. H. S. (2000). A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SANTO ANTONIO DE PADUA Projeto de lei nº. 052/2015, que regula a venda de bebidas alcoólicas no Terminal Rodoviário Hamilton Abreu Leite. Santo Antônio de Pádua: Câmara Municipal de Santo Antônio de Pádua, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol.20, nº2, Jul./Dez. 1995, pp.71-99.